

A tela **San Giovanni Battista**, 1508-1513 de Leonardo da Vinci, medindo 69x57 cm é o ponto de partida e nomeia a série performada para a câmera por mim. São seis fotografias na mesma medida da pintura de referência (uma para cada ano do tempo de execução da pintura de Leonardo, ou seja: San Giovanni Battista, 1508, San Giovanni Battista, 1509 etcetera.) Junto à essa série, uma segunda, feita de objetos e intitulada **Talvez se leia sempre no escuro**, ponderação da escritora Marguerite Duras sobre a nossa submissão à escuridão da noite para a plena realização da leitura. Também Tanizaki e Borges nos ensinaram magistralmente sobre a importância das sombras como um outro tipo da ação de revelar, capaz de trazer múltiplas nuances que o excesso de luz acabaria por apagar. Como numa câmera escura, sob a tênue e encarnada luz do laboratório que uma imagem oculta se faz ver, lentamente, pois o tempo é o criador da visão. Ler/ver no escuro significa encontrar a abertura precisa de um diafragma imaginário onde o que recebemos como estímulo externo, ilumina o interno e vice versa, sempre numa rua de mão dupla, em delicado e sutil movimento. As diminutas mãos estão presentes em ambas séries, infantis, múltiplas, criando, ora em combinação com as minhas próprias mãos, ora com os tecidos infantis, mas também estranhos, elas os atravessam, assim como os peixes e olhos. Um repertório do universo presente no início de nossas vidas, a nos atravessar pela vida à fora. Fantasmas, asma, faltas de ar, mas também frestas por onde observamos, de soslaio algumas pistas, talvez as mais profundas de quem somos.

Difícil dizer onde uma série inicia e a outra finda, a arte da projética parece sempre ser interrompida, desvirtuada a qualquer instante. Projetos são castelos de cartas sobre um chão de areia movediça, as certezas tropeçam e flutuam, e se contaminam em outra coisa. É tão fácil projetar, bem mais difícil é a arte da distração, deslizar em fluxo, de um só fôlego, sem saber a gramática ou destino. Distração também é filha do noturno, num modo elíptico de aproximações e distanciamentos, de voos e quedas e de efemeridades. Pensar é ler nuvens (e de pouco adianta a caderneta de anotações, para pensar precisamos de soprar continuamente, destemidamente, as palavras. Escrever é endurecer, revisar é castigar as potências). Pensar e escrever são matérias distintas, pensar talvez seja mais atrelado ao ato de visualização imaterial, polissemia entre clarear e escurecer, flutuar e afundar. Escrever talvez seja mais uma carpintaria, uma disposição construtiva de gravar algo, de registro encarnado. Pensar é gozo momentâneo, como o sonhar, tudo desaparece com a luz do dia. O sol sanitário e solitário a saudar o suor do dia. Pensar seria mais solitude lunar,

luzinha de nada, página sem chão, paisagem sem céu e terra, paisagem espacial, girante, escrita no soturno ranger de Saturno, nas possibilidades do espaço. Saturno, o mito romano de Cronos, a circular sua foice, ceifando o que não importa a mostrar a nossa finitude, distrair-se é abandonar o brilho da superfície do mundo e se concentrar no ruído da poeira, nesse brilho das partículas, matéria aparentemente insignificante e dispersa, no entanto, a realidade (palavra maldita e traiçoeira) é outra. Durante muitos anos achava-se que os anéis de Saturno eram gasosos e até especularam, um dia, que fossem um disco sólido, no entanto hoje sabemos serem compostos por minúsculas partículas que contornam o planeta presos à poderosa gravidade. Esse senhor dos anéis é soturno em seu sentido de ceifador do céu, em seu mito primeiro, mas é também sagaz em mostrar o poder de revelar por veladuras, numa tempestade de areia celeste um golpe certo a findar um ciclo e a iniciar um outro, céu e terra, celeste e oceano, como no quadro emblemático de Leonardo, a apontar o divino céu, a encarnada transexualidade, o sempre enigmático sorriso, gato de Alice, salto no buraco-negro-entre apontar e ocultar, deslizar entre as luzes, despistar, deslizes. Pensar em suspensão, tempestade de sentidos. Ubu é rei!